

O INTERNETÊS NA PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA

Aparecido Devanir Fernandes (UEMS)

mestrecido@gmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Elza Sabino da Silva Bueno (UEMS)

elza@uems.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo promover uma análise sociolinguística sobre o fenômeno da internet nas produções escritas dos gêneros textuais, especificamente os traços das variantes do internetês. A Internet vem promovendo alterações significativas no cotidiano do homem pós-moderno. Família, escola, comércio e mídia são exemplos de campos que têm absorvido com rapidez sua tecnologia, compondo novos modelos de prestação de serviços e comunicação que atingem um número crescente de pessoas. O universo linguístico, dinâmico e mutável, apresenta, atualmente, usos específicos que ou se originaram no suporte do mundo eletrônico, ou que neste sofreram uma metamorfose ou derivação. Particularmente no âmbito da língua portuguesa brasileira, é expressivo, nos últimos anos, o uso daquilo que se convencionou chamar de “linguagem da Internet”, sendo que, hoje, traços do internetês, direcionado para o uso da linguagem de salas de bate-papo estão inseridos nas produções escolares. Na rotina das salas de aula, professores estão se deparando nas produções escritas de gêneros textuais dos alunos com traços do gênero digital, ocasionando um estranhamento por parte de muitos educadores e alguns questionamentos sobre o uso de braquissmia, da acrossomacia, pontuação, grafia, léxico e signos. Portanto, o gênero textual supracitado preconiza teoricamente uma abordagem sociolinguística do fenômeno do internetês nas produções escritas, observando os traços dessa variante linguística do gênero digital e concomitantemente busca subsidiar o fazer pedagógico com a mediação pedagógica, o conhecimento do gênero digital e da cibercultura. O referido textual supracitado fundamenta teórica de Bakhtin no viés do enunciado, dialogismo e polifonia, associando-se a mediação pedagógica de Hoffman, a cibercultura de Lévy, a conceituação de *Internetês* de Cristal e Souza, as definições e exemplos de Braquissmia e Acrossomacia de Monteiro, saciando-se das fontes de Votre, Cezário, Robert de Beau-grande, Ramal, Xavier e Santos.

Palavras-chave: Internetês. Bakhtin. Gênero. Mediação. Traços.

1. Introdução

O novo conceito de comunicação desenhado pelas mídias digitais tem a interatividade como conceito chave, pois a busca por diferentes formas de interação e participação é cada vez mais facilitada pelas novas tecnologias. Entretanto, algo que parece tão moderno já pode ser encontrado, em outra dimensão, evidentemente, na noção bakhtiniana de lin-

guagem, a qual apresenta o dialogismo como seu princípio constitutivo, ou seja, só a interação entre os sujeitos e o texto em um processo enunciativo estabelece as condições de sentido da mensagem em um ambiente único e irreproduzível. Assim, o conceito de intertextualidade de Pêcheux pode ser entendido com clareza na dinâmica dessa prática comunicativa das novas formas de interação.

A comunicação mediada por computador utiliza uma linguagem que, dado as características do meio (os usuários sentem-se falando por escrito), apresenta muitos aspectos típicos da fala (produção de enunciados mais curtos e com menor índice de nominalizações por frase, uso de cumprimentos informais, alongamentos vocálicos com funções paralinguísticas, entre outras), resultando, então, em uma forma linguística específica para esses contextos de *enunciação digital* (XAVIER, 2002): o chamado *Internetês* – linguagem híbrida, utilizada, principalmente, nos *chats*.

Ela é escrita por valer-se de grafemas e ser passível de registro e armazenamento, possuindo potencialmente a permanência que caracteriza toda comunicação escrita. Ao mesmo tempo, ela aproxima-se do discurso oral por suas possibilidades quanto à interatividade, por nela podermos identificar traços de organização de troca de turnos, pelo discurso ser construído conjuntamente e localmente pelos interagentes, e por ele ter sua forma influenciada pela presença do tempo, tal como acontece na conversação. Ela assemelha-se à conversação, também, por recorrer, ainda que semioticamente, à contextualização paralinguística, por seus usuários parecerem necessitar tão insistentemente transportar para a tela do computador suas risadas, tons de voz e expressões faciais. (SOUZA, 2001, p. 33)

O *internetês* ou *netspeak*, termo empregado, também, pelo linguista britânico David Crystal, para fazer referência a formas inéditas de expressão escrita criadas por usuários da internet. Esse dialeto, *internetês*, está adquirindo grande relevância como linguagem utilizada em espaço virtual para fins comunicativos, pois, desde 1995, quando surgiram os primeiros provedores de acesso à internet, esse espaço tornou-se um novo segmento em nossa sociedade, sendo criados inúmeros dispositivos de comunicações, visando trocas de mensagens, receitas, fofocas, confidências pessoais, entre outras. Por outro lado, esse tipo de escrita, muito próxima da oralidade, por ser espontânea, ou seja, um vernáculo, e também utilizada com maior frequência no nosso cotidiano; está produzindo interferências, traços do *internetês*, na produção do texto escrito impresso, ocasionando desvios, segundo a norma padrão, de análise linguística.

Cotidianamente, professores encontram nas produções impressas dos alunos traços do *internetês*, ocasionando um estranhamento por parte

de muitos educadores e alguns questionamentos sobre o uso de braquissomia, da acrossomacia, pontuação, grafia, léxico e signos.

Este presente artigo, focou-se em promover uma análise sociolinguística dos fenômenos da braquissomia, acrossomacia, pontuação, grafia, léxico e signos no gênero textual impresso. Quanto ao conceito de sociolinguística, assim afirmam Votre e Cezario (2009, p. 141):

A sociolinguística é uma área que estuda a linguagem seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente de contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

2. Enunciado e polifonia

Segundo Bakhtin, o autor nunca está sozinho, o texto nunca é o primeiro, original, pois traz consigo referências a textos anteriores ou servirá de referência a textos posteriores, ou ainda, o simples fato de enunciar alguma coisa pressupõe a existência do outro: “O fato de ser ouvido, por si só, estabelece uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, responder à resposta, e assim *ad infinitum*” (BAKHTIN, 1997, p. 357). Essa relação entre textos e a existência de um “eu” que pressupõe a existência de um “outro” implica necessariamente a presença de várias vozes em um enunciado ou em uma polifonia, para usar a terminologia do autor. Esse conceito bakhtiniano é denominado dialogismo, logo o ato de escrevermos sempre para alguém e que o texto produzido ou a ser produzido deriva de um anterior, leva-nos a pressupor que devido o texto digital, internetês, ser utilizado com uma maior frequência no nosso cotidiano, o mesmo traça traços imbricados no gênero textual impresso.

Sendo assim, para Bakhtin, cada ato de enunciação é composto por diversas “vozes”. Assim, cada ato de fala é repleto de assimilações e reestruturações destas diversas vozes, ou seja, cada discurso é composto de vários discursos. Isto é o que o autor denomina de polifonia. Estas vozes “dialogam” dentro do discurso, não se trata apenas de uma retomada. Este diálogo polifônico é construído histórica e socialmente. A partir deste diálogo se dá a construção da consciência individual do falante. O autor vai mais adiante referindo que só pensamos graças a um contato permanente com os pensamentos alheios, *o dito pelo já-dito*, pensamento es-

te expresso no enunciado. Dessa forma, a consciência individual é resultante de um diálogo interconsciências. Um outro traço constitutivo do enunciado é o fato dele ser produzido para alguém. Assim, todo enunciado tem um destinatário. Bakhtin (2003) salienta que o outro – “receptor” do discurso – não é necessariamente alguém totalmente definido, como acontece “em toda sorte de enunciados monológicos de tipo emocional” (BAKHTIN, 2003, p. 301). O autor comenta ainda que o estilo do discurso é definido a partir de concepções que o locutor tem a respeito do destinatário. Assim, alguns aspectos são considerados na elaboração do enunciado, como as convicções, os preconceitos do destinatário, seu grau de letramento, seu conhecimento do assunto a ser tratado, suas convicções, suas simpatias e antipatias. Fatores estes que determinarão a escolha do gênero mais adequado à situação comunicativa em questão.

Ao compreendermos, conforme relatado acima, o enunciado como uma unidade discursiva estritamente social que provoca uma atitude responsiva por parte do sujeito, passaremos a supor, que todo e qualquer enunciado é produzido para alguém, com uma intenção comunicativa pré-definida.

Esses conceitos bakhtinianos: enunciado, dialogismo e polifonia, intrínsecos ao ato de escrevermos sempre para alguém e que o texto produzido ou a ser produzido deriva de um anterior, leva-nos a pressupor que devido o texto digital, internetês, ser utilizado com uma maior frequência no nosso cotidiano, o mesmo trará traços imbricados no gênero textual impresso.

3. *Gênero do discurso e gênero textual*

Cada prática social origina um gênero, com suas características que lhe são peculiares. Ao pensarmos a infinidade de situações comunicativas e que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua, podemos perceber que infinitos também serão os gêneros, existindo em número ilimitado. Bakhtin vincula a formação de novos gêneros ao aparecimento de novos eventos da atividade humana, com finalidades discursivas específicas. Essa imensa heterogeneidade levou o autor a realizar uma “classificação”, dividindo-os em primários e secundários. Os primários aludem a situações comunicativas cotidianas, espontâneas, não elaboradas, informais, que sugerem uma comunicação imediata. São exemplos de gêneros primários a carta, o bilhete, o diálogo cotidiano, muito próximos da espontaneidade e dinamismo do ato da fala. Os gêne-

ros secundários, normalmente mediados pela escrita, aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como no teatro, romance, tese científica, palestra etc. Vale ressaltar que a essência dos gêneros é a mesma, ou seja, ambos são compostos por fenômenos de mesma natureza, os enunciados verbais. O que os diferencia, entretanto, é o nível de complexidade em que se apresentam.

A diferença entre os tipos de gêneros – primários e secundários – é extremamente grande para Bakhtin. Segundo o autor, existe a necessidade de que se faça uma análise do enunciado para que se possa definir sua natureza. Bakhtin considera que os gêneros secundários são formados a partir de reelaborações dos primários. Assim, um diálogo cotidiano relatado em um romance perde seu caráter imediato e passa a incorporar em sua forma as características do universo narrativo – complexo – que lhe deu origem, ou seja, nesta situação, o diálogo transforma-se em um acontecimento literário e deixa de ser cotidiano.

Para fins de classificação de um gênero discursivo, faz-se necessário que sejam considerados alguns aspectos definidos por Bakhtin, a saber: conteúdo temático (assunto), plano composicional (estrutura formal) e estilo (leva em conta a forma individual de escrever; vocabulário, composição frasal e gramatical). Estas características estão totalmente relacionadas entre si e são determinadas em função das especificidades de cada esfera de comunicação, principalmente devido a sua construção composicional.

Face às observações teóricas acima, deve-se ter o cuidado de não confundir texto e discurso como se fossem a mesma coisa. Embora haja muita discussão a esse respeito, pode-se dizer que texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. Da mesma forma, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas. Os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas, segundo Robert de Beaugrande (1997).

Sendo assim, todo gênero discursivo ou textual tem uma finalidade comunicativa, sendo o textual, preconizado por Bakhtin como secundário, o que apresenta o maior grau de complexidade na sua formação. Como o primeiro gênero está mais próximo do veículo de comunicação que utilizamos, a fala, e dos textos midiáticos no suporte da internet, con-

sequentemente encontraremos traços do internetês nas produções escritas.

4. Traços de internetês

Segundo Monteiro (1987, p. 174), braquissesmia é “[...] o emprego de parte de um vocábulo pelo vocábulo inteiro”, sendo que a “[...] subtração pode ser em elementos terminais (*apócope*), iniciais (*aférese*) ou, mais raramente, mediais (*síncope*)”. Nas produções dos alunos, aos poucos, braquissesmas como “vc” e “pq” começam a surgir em redações e exercícios, o docente precisa saber lidar com isso, criando meios para que os alunos desenvolvam a habilidade de empregar adequadamente as diferentes possibilidades da língua nos seus mais diversos contextos. Acrossomacia “[...] processo que consiste na combinação de sílabas ou fonemas extraídos dos elementos de um nome composto ou de uma expressão” (MONTEIRO, 1987, p. 175): “fds” (“fim de semana”). Para fazê-lo, todavia, o professor deve conhecer, ao menos em parte, o que ocorre na Internet no que diz respeito à linguagem, e, por isso, a descrição feita ao longo deste artigo se torna relevante.

Os sinais de pontuação, em determinados ambientes da Internet, de acordo com a finalidade e prática social, são empregados de acordo com a variante de prestígio. É o caso dos sites de empresas e do governo e, ainda, de alguns e-mails e de mensagens deixadas em comunidades (seguem o paradigma da correspondência oficial). Porém, em outros suportes eletrônicos, no entanto, esses sinais são utilizados de uma maneira bem diferente. Inicialmente, o que chama a atenção é a ausência do ponto final e do ponto de interrogação nas frases, que ocorre, principalmente, nas salas de bate-papo e em programas de conversação. Em ambos os ambientes, são realizados diálogos eletrônicos em tempo real (permitidos pelos computadores em rede), o que possibilita a distinção entre pergunta e afirmação pelo contexto. Todavia, enquanto os pontos finais são deixados de lado a todo momento (provavelmente porque isso torna a comunicação mais rápida e próxima da oralidade, devido à economia de movimentos no teclado), a falta do ponto de interrogação é mais comum apenas quando são empregadas palavras que exprimem a ideia de questionamento, como “onde”, “quanto” e “por que”. Sendo utilizado o gênero digital numa maior linha de frequência, o aluno poderá não compreender a dicotomia da finalidade do gênero digital e da escrita da variante padrão, cometendo desvios.

O professor de português deve compreender a influência que a Internet (suas situações de uso da linguagem, possibilidades e limitações) vem exercendo sobre os hábitos linguísticos do brasileiro, principalmente sobre uma parcela da população jovem que tem crescido em meio à tecnologia. Se, antes, a preocupação do docente dirigia-se principalmente à oralidade, visando o distanciamento entre a produção escrita dos alunos e a fala, agora, os traços linguísticos que se desenvolvem no meio eletrônico também merecem atenção, principalmente por estarem imbricados na espontaneidade da fala.

5. A mediação do professor

Com a inserção das novas tecnologias e, principalmente da Internet, novas práticas de ensino e aprendizagem são necessárias aos educadores para que consigam utilizar essas ferramentas de modo que elas se tornem aliadas ao ensino e a aprendizagem. Faz-se necessário, então, que os professores, além do necessário conhecimento destas tecnologias, utilizem essas ferramentas não só como apoio metodológico, mas também, como uma forma de desenvolver no educando uma postura crítica frente ao ato de ler e escrever.

Lévy (1999) defende que o professor da cibercultura tem que ser um arquiteto cognitivo e engenheiro do conhecimento; deve ser um profissional que estimule a troca de conhecimentos entre os alunos, que desenvolva estratégias metodológicas que os levem a construir um aprendizado contínuo, de forma autônoma e integrada e os habilitem, ainda, para a utilização crítica das tecnologias. Essa modificação na postura do professor contribuirá para a reformulação do próprio conceito de educar. Para Ramal (2002), o educar, na cibercultura, envolverá critérios como consistência, motivação, capacidade de articular conhecimentos, de comunicar-se e de estabelecer relações; contribuindo, então, para a preparação do cidadão desta era: um ser consciente e crítico, apto a aprender sempre, que dialogue com as diferentes culturas e os diversos saberes, sabendo, ainda, trabalhar de forma cooperativa, sendo flexível, empreendedor e criativo.

É oportuno explanar, também, acerca da expressão mediadora, oriunda das leituras das obras da autora Jussara Hoffman, haja vista seu reflexo no processo de avaliação:

A expressão mediadora que utilizo desde 1991, tem por objetivo salientar a importância do papel do professor no sentido de observar o aluno para medi-

ar, ou seja, para refletir sobre as melhores estratégias pedagógicas possíveis no sentido de promover sua aprendizagem. (HOFFMAN, 2010, p. 148).

O trabalho com os gêneros digitais é uma importante ação para o desenvolvimento e a ampliação da competência discursiva dos alunos. Partindo deste mesmo pressuposto, Xavier e Santos (2005), refletindo sobre os *E-Forum (FE)*¹⁷⁶ e suas contribuições para o ensino, mencionam que este, por ser produzido em torno de um debate sobre algum tema, acaba levando os interlocutores a darem respostas imediatas, sem uma argumentação mais sólida e amadurecida. Desta forma, de acordo com os autores, esse gênero digital se presta muito mais ao desenvolvimento acadêmico-intelectual das crianças e adolescentes do que se imagina.

Este é um gênero emergente que poderia ser bastante explorado na e pela escola. Os professores de língua portuguesa poderiam utilizar este gênero digital para dinamizar suas aulas de produção textual. A mudança de ambiente, da sala de aula para o laboratório de informática, e a descoberta das características e potencialidades de desenvolvimento retórico-argumentativo poderiam tornar a aula de português mais empolgantes e atraente. A participação constante dos alunos em *FE* tende a ampliar sua capacidade de argumentar sobre temas diversos, levando-os a aprender a refletir dialeticamente sobre as diversas opiniões e construir sua própria síntese sobre as questões em discussão. (...) Desta forma, os *FE* são megaferramentas para desenvolver nos aprendizes a necessária habilidade de construir pontos de vista e defendê-los convincentemente. (XAVIER; SANTOS, 2002, p. 37-38)

É importante enfatizar que toda variante, gênero discursivo ou textual tem a sua finalidade. Portanto, o professor através do conhecimento do gênero digital, de técnicas aplicadas à função mediadora culminarão na autonomia e autoria do aluno para utilizar variantes adequadas ao enunciado, promovendo o discernimento, especificamente, do texto escrito impresso e do texto digital com suas especificidades.

6. Considerações finais

Nas sociedades pós-modernas, transformações sociais aceleradas, sobretudo o espantoso avanço das tecnologias da informação e da comunicação – TICs, vêm provocando mudanças significativas no paradigma do processo de ensino-aprendizagem. Esse fenômeno dinâmico e veloz-

¹⁷⁶ Termo genérico para grupo de discussão. A palavra fórum pode ser aplicada tanto para grupos de discussão da Usenet, como para listas de distribuição. Em serviços on-line americanos, a palavra fórum é utilizada para descrever os grupos de discussão internos. O termo inglês *E-Forum* é traduzido como *fórum eletrônico*, na língua portuguesa.

mente mutável se estende pelo campo social, econômico, político e religioso de nossa sociedade.

Sendo a escola a entidade social responsável pelo processo de ensino-aprendizagem e de inclusão social, cabe a essa nobre célula da sociedade o desenvolvimento de habilidades e competências que tornem nossos alunos cidadãos plenos. Educadores e outros profissionais foram inseridos de forma precoce a sociedade da informação, no entanto, é observada a blindagem da escola a essa evolução. Logo, é fundamental conhecermos a ferramenta internet, sua finalidade, suportes, variantes e o gênero digital para desenvolvermos metodologias adequadas aos nativos digitais.

Portanto, os traços aqui observados e analisados não devem ser considerados “desvios ou erros”, mas variantes do gênero digital, as quais tem sua finalidade no suporte da internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BAKHTIN, Mikhail Voloshinov. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to Textlinguistics*. Londres: Longman, 1981.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. *Avaliar: respeitar primeiro, educar depois*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 2. ed. Fortaleza: Edufc, 1987.

RAMAL, Andréa Cecília. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOUZA, Ricardo Augusto de. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: PAIVA, Vera Lúcia M. de O. (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

XAVIER, Antonio Carlos. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. 2002. Tese (de doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem / Universidade Estadual de Campinas, Campinas.